



## **Polifonia sobre um quartzo de cristal: a educação do bem viver**

*Polyphony over a crystal quartz: the education of good living*

Luz Marina de Alcantara<sup>i</sup>  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Gismair Martins Teixeira<sup>ii</sup>  
Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/SEDUC-GOIÁS

### **Resumo**

Este artigo apresenta um processo de imersão etnológica fundamental para a criação do Instituto de Pesquisa, Ensino e Extensão em Arte Educação e Tecnologias Sustentáveis (Ipeartes). O Ipeartes é uma proposta de escola transformadora vinculada à Secretaria de Educação do Estado de Goiás, idealizada à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS/ONU), para a implantação da Educação do Bem Viver na APA (Área de Proteção Ambiental) de Pouso Alto, que tem como princípio o desenvolvimento da pessoa em suas múltiplas dimensões: cognitivas, afetivas, físicas, considerando sua relação consigo mesma, com o outro e com o meio em que vive. O estudo traz uma abordagem etnológica, epistêmica e descritiva das etapas iniciais da implantação da Escola do Bem Viver na cidade de Alto Paraíso de Goiás, um dos municípios que compõem a APA de Pouso Alto.

**Palavras-chave:** Etnologia, Escola do Bem Viver, Arte/Educação, Educação Integral.

### **Abstract**

This article shows a fundamental ethnological immersion process for the creation of the Institute of Research, Teaching and Extension in Art Education and Sustainable Technologies (IPEARTES). Ipeartes is a transformational school proposal linked to the Goiás State Department of Education, idealized under the Sustainable Development Goals (SDG / UN) for the implementation of Good Living Education in APA (Environmental Protection Area (Environmental Protection Area) of Pouso Alto, which has as a principle, the development of the person in its multiple dimensions: cognitive, affective, physical, considering their relationship with themselves, with the others and with the environment where they live. The study has an ethnological, epistemic and descriptive approach to the initial stages of implementing the School of Good Living in the city of Alto Paraíso de Goiás, one of the counties that makes part of APA in Pouso Alto.

**Keywords:** Ethnology. School of Good Living. Art / Education. Integral Education.

Enviado em: 10/02/20 - Aprovado em: 10/08/20

## Introdução

Neste artigo, trataremos das primeiras ações de um projeto educacional coordenado pelo Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, instituição da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (Seduc) responsável pelas políticas voltadas para a arte na educação escolar. No contexto deste estudo, a proposta consiste na criação do Instituto de Pesquisa, Ensino e Extensão em Arte/Educação e Tecnologias Sustentáveis (Ipeartes)<sup>1</sup>, uma das ações do Ciranda da Arte destinada à implementação da Educação do Bem Viver no município de Alto Paraíso de Goiás, com desdobramentos em toda a APA (Área de Proteção Ambiental) de Pouso Alto<sup>2</sup>. O estudo tem como aportes teóricos diálogos, conceitos de experiência, do bem viver, da afetividade, com campos do conhecimento relacionados à antropologia e à arte/educação, em uma abordagem de cunho etnológico.

O território escolhido para abrigar o projeto piloto é uma região turística localizada em posição privilegiada no bioma Cerrado, de grande biodiversidade de riquezas naturais e identidades culturais. Alto Paraíso, o Território do Bem Viver<sup>3</sup>, é habitado por populações indígenas, quilombolas, bandeirantes, garimpeiros, raizeiros, chapadeiros, alternativos, ambientalistas, assentados, parteiras, benzedeadas e, agora, por cirandeiros<sup>4</sup>. Está assentado sobre um grande quartzo de cristal, repleto de belezas naturais, cachoeiras e animais que são vistos pelos caminhos que levam às vilas, aos distritos, aos povoados e até mesmo dentro da cidade. O lugar envolve uma religiosidade mística que tem atraído alternativos do Brasil e do mundo inteiro para a região, e conta, ainda, com um povo muito festeiro.

A região sustenta, contudo, múltiplos conflitos entre atores que se opõem quando relacionadas questões sociais e políticas envolvendo demandas da agricultura familiar e a monocultura; disputas por terras entre moradores primários e chegantes<sup>5</sup>, principalmente por estes ocuparem os terrenos por melhores postos de trabalho da cidade. Há, ainda, entre outros conflitos, os decorrentes de uma rica e intensa espiritualidade, que envolve diversas religiosidades cristãs e esotéricas. Essa realidade, de grande complexidade social, requer repensar a lógica capitalista e exploratória praticada no planeta e a busca pela cultura de paz para uma melhor convivência entre as

<sup>1</sup> Projeto de escola inovadora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc).

<sup>2</sup> A APA de Pouso Alto é um cinturão de cerrado do nordeste goiano que circunda o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) e é composta por seis municípios do Estado – Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Colinas do Sul, Nova Roma, São João D'Aliança e Teresina de Goiás.

<sup>3</sup> Decreto n. 8.824/2016, que institui Alto Paraíso de Goiás como o Território do Bem Viver.

<sup>4</sup> Arte/educadores vinculados ao Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, instituição da Secretaria de Estado da Educação de Goiás/Seduc, responsável pela formação continuada de professores e pelo acompanhamento dos projetos da área de Arte na rede estadual de ensino.

<sup>5</sup> Existe certa tensão social entre quem nasceu no local e se considera 'natural' do lugar e os chegantes que migram de outros estados ou países.

comunidades. Já se percebe, contudo, na região, práticas e pensamentos próximos ao conceito do Bem Viver, tais como mutirões entre as comunidades, valorização da ancestralidade, carona solidária, trocas de sementes, sendo, portanto, um campo propício para acolher o projeto de uma educação para o bem viver.

Quando houve o convite para conduzir este projeto, segui os conselhos de cunho etnológico do educador e antropólogo Carlos Rodrigues Brandão. Inicialmente, cheguei ao território bem devagar, tateei-o cuidadosamente, convivi e senti como eram o lugar e as pessoas, conforme sustentava o eminente antropólogo (BRANDÃO, 2007). Com esse cuidado, fui para a cerimônia de assinatura do Acordo de Cooperação Técnica envolvendo três entes: o Governo de Goiás, a Prefeitura de Alto Paraíso e a Sociedade Civil. O mote do acordo foi o compromisso para o cumprimento das metas do milênio da ONU e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Dia esse muito intenso e com muitas incursões.

Quis aproveitar todo o tempo para melhor conhecer as pessoas, seus desejos e as expectativas diante desse novo projeto, que, de certa forma, chegava ao território com muita intensidade. Após a cerimônia, fui conhecer o Povoado do Moinho, uma comunidade reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombos. No caminho, vi muitos animais pela estrada e uma grande placa de boas-vindas.

Em uma improvisada roda de conversa na casa de Dona Conceição e Sr. Luiz, onde comemos peixe frito, conheci um pouco sobre os desejos daquela comunidade, ouvindo também representantes da associação de moradores. Eram sonhos grandes e muito importantes para eles. Desejavam estudar, fazer cursos e melhorar a condição de vida na comunidade.

Nesse povoado, mora Dona Flor do Moinho. Dona Flor é referência para educadores, mestres, doutores, mães, pais, crianças e jovens. Sobre Dona Flor, a pesquisadora Marlini Dorneles de Lima, em tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (UnB), declara:

uma senhora 'sabida', com um corpo pequeno e expressivo, seu olhar forte e afetuoso possui um brilho e uma intensidade de anciã [...] sendo muito procurada pelos pesquisadores de diversas áreas devido a seus conhecimentos de raizeira e parteira (LIMA, 2016, p. 113).

Lima (2016) mostra em sua pesquisa a força de Dona Flor enquanto líder comunitária, educadora, formadora de opinião, mulher empoderada, detentora de

conhecimentos tradicionais e saberes específicos: “Mesmo analfabeto, eu sou a professora de todos eles lá na UnB”, rebate Dona Flor, ao se remeter a professores e pesquisadores que fazem e “fizeram estudos abordando os seus conhecimentos tradicionais” (LIMA, 2016, p. 117). Conheci Dona Flor depois de um ano em que me encontrava no território. Ela é mesmo a mulher mais sábia da Chapada dos Veadeiros quando o assunto é a saúde da mulher e a parteria.

Nesse mesmo dia, 13 de junho de 2016, à tardinha, dirigi-me para o local onde aconteceria uma roda de conversa para a qual fui convidada a participar como observadora. Foram duas rodas: a primeira com jovens e a segunda com representantes de lideranças da cidade. Ouvi e notei com muita atenção o modo como as pessoas falavam de seus desejos, não escondendo as frustrações já sentidas e o receio de ser este mais um projeto distanciado da comunidade que na cidade aportava.

Em entrevista concedida para este estudo, um músico quilombola falou das frustrações que levaram a comunidade a desacreditar dos projetos que se instalavam no território:

*Comunidade já se defende até sem saber do que está se defendendo. Os projetos não tinham continuidade e sentiam-se usados por chegantes que aqui se instalavam e viviam desses projetos, sem retorno para a população [...] começavam a vender sonhos e logo o projeto desaparecia (VIDAL, 2019).*

Já outra moradora da cidade, professora aposentada, ex-secretária de educação do município, confirma a problemática apresentada pelo músico, em uma roda de conversa com o coletivo educador do Instituto de Pesquisa, Ensino e Extensão em Arte Educação e Tecnologias Sustentáveis (Ipeartes), comentando que “em 30 anos que estou em Alto Paraíso, já vi muitos projetos, mas, até hoje, o melhor projeto é o de vocês”. Sobre a experiência do Ipeartes no Povoado do Moinho, a moradora refere-se, com muito afeto, à Alfabetização de Jovens e Adultos:

*Aquelas pessoas que estão estudando lá à noite, eu conheço todas. E uma delas me falou: professora, você acredita que eu aprendi a fazer o meu nome? É de arrepiar. Então pra mim vocês deram pro Moinho o maior presente que puderam dar: ensinar um adulto a escrever o próprio nome, a ter a sua identidade. Todo ser humano tem direito de assinar o nome. Eu admiro a oficina de vocês, tudo o que eu vi na apresentação, mas você pegar na mão de um adulto e ensinar ele a escrever o nome é o maior presente que poderia dar (professora aposentada, moradora do povoado do Moinho).*

O relato da professora faz consonância com as vozes de Santana, Dirinha, Neusa, Joana, Irani, Seu Raimundo e de todo o povo do Moinho, e pode ser melhor apreciado por meio de gravação<sup>6</sup> realizada no último dia de aula de 2018, dois anos e meio depois do início do Ipeartes no território. Essas vozes fazem consonância com meus primeiros momentos nessa comunidade, quando me fiz pronta para ouvir os meus silêncios e “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar” (BONDÍA, 2012, p. 24). Em busca desse silêncio, uma polifonia de vozes me ecoaram aos ouvidos, traduzindo empatia, esperança, atitude, compromisso, transformação.

Para John Dewey, autor que discute as experiências vividas em suas singularidades, “a vida é feita de histórias, cada qual com seu enredo [...] com seu movimento rítmico particular [...] com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro” (DEWEY, [1934] 2012, p. 110). Já para Jorge Larrosa Bondía (2002), autor que olha a experiência por outro *frame*, é na experiência que algo possivelmente venha a acontecer ou nos tocar. É necessário “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm”, posto que requer a suspensão de opinião, de juízo, de vontade, de ações sustentadas por automatismos. E, para que algo nos aconteça ou nos toque, é preciso “cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (BONDÍA, 2002, p. 24).

Ambos os conceitos aqui evocados, ou seja, a experiência singular deweyana e aquela experiência que nos toca, apresentada por Bondía, dialogam com o contexto etnológico buscado neste estudo, que tem a arte/educação e as tecnologias sustentáveis como eixos para a formação da pessoa em sua integralidade.

Trataremos a seguir das primeiras ações esboçadas pelo coletivo educador do Ipeartes/Seduc no processo de implementação da educação do Bem Viver em Alto Paraíso de Goiás.

### **A Educação do Bem Viver: uma semente lançada sobre o quartzo de cristal**

As primeiras ideias do coletivo educador foram, inicialmente, inspiradas no conceito de Bem Viver (Sumak Kawsay) vindo dos povos *quéchua*, ou (Sumak Qamaña) da cultura *aymara*, etnias que habitam do extremo norte ao extremo sul de *Abya Yala*

---

<sup>6</sup> Esses relatos podem ser vistos na íntegra em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ml\\_YLXMf6mI](https://www.youtube.com/watch?v=ml_YLXMf6mI)>.

(nome indígena para o continente sul-americano). Este termo pode ser traduzido como “viver pleno ou viver plenamente” e expressa a busca da satisfação das necessidades humanas e da qualidade de vida de todos os povos em uma perfeita harmonia com a natureza. Um delineamento sobre o Bem Viver que buscamos é dado por Célio Turino (2016), ao prefaciar o livro de Alberto Acosta: “o Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos”. Segundo Célio Turino, o Bem Viver é

[...] uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com o *teko porã* dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do *ubuntu* – ‘eu sou porque nós somos’. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do século 20. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na *minga* ou *mika* andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na *Carta Encíclica Laudato Sí’ do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum*. (ACOSTA, 2016, p. 22).

Vindo de povos originários, o termo tem para cada um o seu significado, embora haja pontos comuns entre eles, como a harmonia entre o ser humano e a natureza, a relação com o outro, com o meio ambiente, com a ecologia, com a sustentabilidade. É uma filosofia que trata da abundância não como acúmulo, mas como qualidade do tempo, da alimentação, das relações pessoais. Envolve um pensamento menos mercantilista e busca o direito equânime de todos os seres vivos, pois o *ethos* capitalista tem contribuído incisivamente para o afastamento de grande parte da população mundial de uma condição de bem-estar material, afetando segurança, liberdade e identidade (ACOSTA, 2016). Nesse contexto, “a mercantilização da vida humana e não humana se expande aceleradamente” (ACOSTA, 2016, p. 15). Além disso, milhões de pessoas se veem alijadas do avanço tecnológico, usufruindo apenas de suas migalhas, não possuindo nem mesmo o ‘privilégio’ da exploração de suas mãos de obra pelo trabalho. “Ainda assim, sonham com alcançar os níveis de vida dos países do Norte, que não podem ser replicados globalmente. Enquanto isso, a Natureza está sofrendo graves impactos” (Ibidem).

O Bem Viver parece utópico diante de uma sociedade que vive potencialmente acelerada, com imensa desigualdade social, opressões e violências, portanto, carente de reflexões sobre a mercantilização da vida e a exploração desenfreada dos recursos naturais. Considerando que a “exacerbação do extrativismo traz consigo não apenas destruições ambientais cada vez mais brutais, mas também corrupção”, numa sociedade em que a maioria padece de um “mal viver’ e um pequeno grupo desfruta *la dolce vita*,

o autoritarismo, o racismo, o patriarcado e a antidemocracia têm emergido cada vez mais potentes” (ACOSTA, 2016, p. 16). No entanto, o que para muitos parece utopia, fez-se prática milenar em diversas culturas que não têm o capitalismo como guia, e, por isso, nos serve de inspiração e exemplo.

É diversa, complexa e muito profunda a sabedoria experienciada em povos que constituíram suas relações sob outra perspectiva, pautadas no respeito, na solidariedade, na empatia, no trabalho conjunto. Povos que pensam a abundância relacionada à qualidade de vida e não ao acúmulo material. Sociedades democráticas em que todos são respeitados e ouvidos, nas quais as decisões são tomadas nos coletivos e as pessoas se responsabilizam pelas mudanças necessárias nas suas comunidades, dividindo responsabilidades e compreendendo a cidadania na defesa de direitos iguais, inclusive nos direitos da natureza.

Pensar o Bem Viver evoca práticas que alteram a educação, a economia, os meios de produção, a relação com o trabalho, com o lazer, com a natureza e a compreensão do território em que se vive, em suas diversas dimensões. O Bem Viver pratica o respeito aos ancestrais, promove as sabedorias de seu povo e um sentimento de pertencimento e identidade com a cultura e território, não negando o movimento global, mas compreendendo as diferenças e celebrando a diversidade do mundo. Não se pode falar em um conceito único de bem viver, pois é múltiplo em sua essência. O Bem Viver está intimamente ligado ao território e à cultura, sendo sempre (res)significado em cada contexto. É contra o patriarcado, é decolonial, é comunitário e luta contra todo e qualquer tipo de desigualdade e opressão.

Emerge nesse paradigma a arte/educação e sua capacidade de produzir afetos e dar significados às experiências dos sujeitos, humanizando-os e, conseqüentemente, educando-os para uma ampla dimensão planetária. A arte/educação, em si, conceitualmente e por definição, representa essa capacidade humanizadora, de aprendizagem expressiva, comunicativa, da consciência de cidadania, do desenvolvimento da criatividade, do desenvolvimento emocional e afetivo e desenvolvimento profissional, dentre outras possibilidades.

Nesse contexto cultural, a história e o percurso arte/educativo do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte põe em evidência o fato de que ambas as instituições (Ciranda da Arte e Ipeartes) se confundem em sua trajetória arte/educativa com a própria narrativa histórica do ensino de arte no Brasil. Em relação às necessidades de natureza historiográficas, o crítico de arte inglês Edward Lucie-Smith enfatiza sua

importância mediante a inserção da arte em seu momento histórico próprio, uma vez que o anacronismo poderia caracterizar uma arte sem memória (LUCIE-SMITH, 2005, p. 25).

Para que se chegasse aos pressupostos teóricos e metodológicos no ensino de Arte praticado na atualidade, o processo do desenvolvimento dessa modalidade de ensino no Brasil vivenciou percalços variados, intrinsecamente ligados ao *ethos* característico da política educacional no Brasil, segundo a abordagem de pesquisadores que trabalham a historiografia do ensino de artes em nosso país (FERRAZ; FUSARI, 2010). Antes, porém, que se iniciasse a preocupação em torno do ensino das artes, sua manifestação pré-educacional já ocorria desde o descobrimento, desdobrando-se até o momento em que surge a preocupação em torno de uma proposta pedagógica para levá-la à população (FERRAZ; FUSARI, 2010).

Registram essas pesquisadoras que “as manifestações artísticas dos primeiros séculos da colonização ocorreram [...] com a vinda das ordens religiosas jesuíticas (1549), beneditina (1581) e franciscana (1584) [...]”. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 123). Além do elemento ideológico da religiosidade católica, essas ordens trouxeram também o aporte técnico da prática artística em suas várias linguagens. Porém, as origens do ensino das artes remontam à chegada da família real ao Brasil em 1808 e desempenham um importante papel na constituição das Humanidades no país, conforme os apontamentos históricos de Ana Mae Barbosa, um dos mais representativos nomes da arte/educação brasileira.

Quando D. João VI aportou no Brasil, para daí governar Portugal, criou as primeiras escolas de educação superior: Faculdade de Medicina, para preparar médicos para cuidar da saúde da Corte; Faculdades de Direito, para preparar a elite política local; Escola Militar para defender o país de invasores e uma Academia de Belas-Artes. Portanto, o ensino das Humanidades começou no Brasil pela arte (BARBOSA, 1998, p. 31).

Esse papel inicial proeminente, contudo, como se pode inferir das palavras de Ana Mae Barbosa (1998), quando posto em confronto com os desdobramentos históricos futuros, ficou lamentavelmente relegado a segundo plano. Em “Tópicos utópicos”, obra seminal dessa importante pesquisadora da arte/educação brasileira, está registrado acerca da importância da arte no desenvolvimento cultural como um todo:

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais

como as linguagens discursiva e científica. Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura (BARBOSA, 1998, p. 16).

Dessas considerações axiomáticas sobre a importância da arte para a cultura emergem, naturalmente, a perspectiva educacional como etapa complementar desse processo para a cultura de um povo. Na sequência, a autora afirma que a “arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento” (BARBOSA, 1998, p. 16). Atualmente, a educação vinculada à arte representa a esperança para a consecução de melhores condições de vida. Assim, a arte e sua performance educacional se constituem em importantes fatores para aspectos relacionados à vida humana, como a consciência de cidadania, desenvolvimento da criatividade, desenvolvimento emocional e afetivo e desenvolvimento profissional.

Na relação entre arte e consciência de cidadania, a autora chama a atenção para o fato de que o conhecimento em torno das artes “tem lugar na interseção: experimentação, decodificação e informação. [Por exemplo] estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas” (BARBOSA, 1998, p. 17). Em relação ao desenvolvimento da criatividade, Barbosa (1998) ressalta que desenvolver a capacidade de avaliar uma obra de arte pelo desenvolvimento do seu sentido próprio configura uma necessidade de aprendizado que acompanhará pelo resto da vida o cidadão que ao sair da escola não mais se deterá sobre os conteúdos relativos à produção de uma obra artística. O desenvolvimento do sentido próprio só ocorre quando “uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público” (BARBOSA, 1998, p. 18).

No que tange ao desenvolvimento emocional e afetivo, Barbosa (1998) ressalta que “na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um ‘grito da alma’, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional” (BARBOSA, 1998, p. 20). Já no que diz respeito ao desenvolvimento profissional, Ana Mae Barbosa apresenta as seguintes considerações sobre a aplicabilidade da educação mediada pelas artes no dia a dia do cidadão:

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e de propaganda, *outdoors*, cinema, vídeo, à publicação de livros e revistas, à produção de discos, fitas e CDs, a som e cenários para a televisão, e todos os campos do *design* para a moda e indústria têxtil, *design* gráfico, decoração etc. Não posso conceber um bom *designer*

gráfico que não possua algumas informações de história da arte, como, por exemplo, o conhecimento sobre a Bauhaus (BARBOSA, 1998, p. 19).

Outros exemplos possíveis da correlação entre a arte e sua materialização em atividades profissionais e profissionalizantes são apresentados por Ana Mae Barbosa. Segundo informa a autora, até mesmo os operadores de câmeras de televisão se tornam mais sensíveis em sua profissão quando têm contato sistemático com a apreciação da arte (BARBOSA, 1998). Conclui Mae Barbosa que “a interpretação de obras de arte e a informação histórica são inseparáveis; sendo uma a abordagem diacrônica horizontal do objeto e a outra sua projeção sincrônica vertical” (Ibidem, p. 19-20).

Ao tratar da arte/educação como elemento essencial para a consciência de cidadania, Barbosa observa que não se trata somente de sua inclusão no currículo para que ocorra a mágica que favoreça o crescimento individual (BARBOSA, 1998). É necessário também, segundo ela, “se preocupar como a arte é concebida e ensinada” (BARBOSA, 1998, p. 17). Em Goiás, as ações implementadas pelo Ciranda da Arte têm contribuído para a solução desse sério problema apontado pela decana da arte/educação brasileira (STRAZZACAPPA, 2014). Por meio de cursos e de pesquisas, esta instituição se projeta na educação de Goiás alcançando importante papel no processo de transformação social instaurando uma nova realidade em terras goianas na assunção de uma prática que já alcança longevos 15 anos, se considerarem-se as agruras governamentais a que estão sujeitos projetos revolucionários na educação brasileira como um todo.

Salienta a pesquisadora portuguesa Teresa Eça:

[...] existem professores de Arte que [...] ajudam os seus alunos, possibilitando experiências transversais de aprendizagem com a arte e pela arte, sem a pretensão de formar artistas ou públicos, mas sim de atingir um futuro sustentável, onde os indivíduos sejam mais criativos, mais críticos e mais solidários; onde pequenas populações possam cultivar as suas diferenças culturais, compreender, valorizar e praticar antigas produções artísticas, criar empregos, gerar turismo cultural e estabilidade social (EÇA, 2010a, p. 17).

Sobre o contexto geopolítico e econômico do mundo contemporâneo, Eça (2010b) chama a atenção para o fato de que a grande preocupação desse início de século e de milênio tem girado em torno da correlação entre a prática educacional propriamente considerada e sua inflexão sobre o problema pragmático da empregabilidade. Nesse contexto, ressalta a lusitana que:

Nunca foi tão premente a necessidade de um novo paradigma centrado na educação social e existem experiências educativas através das artes, no espaço ibero-americano, que podem sugerir modelos de reflexão para a educação social e o desenvolvimento comunitário (EÇA, 2010b, p. 127).

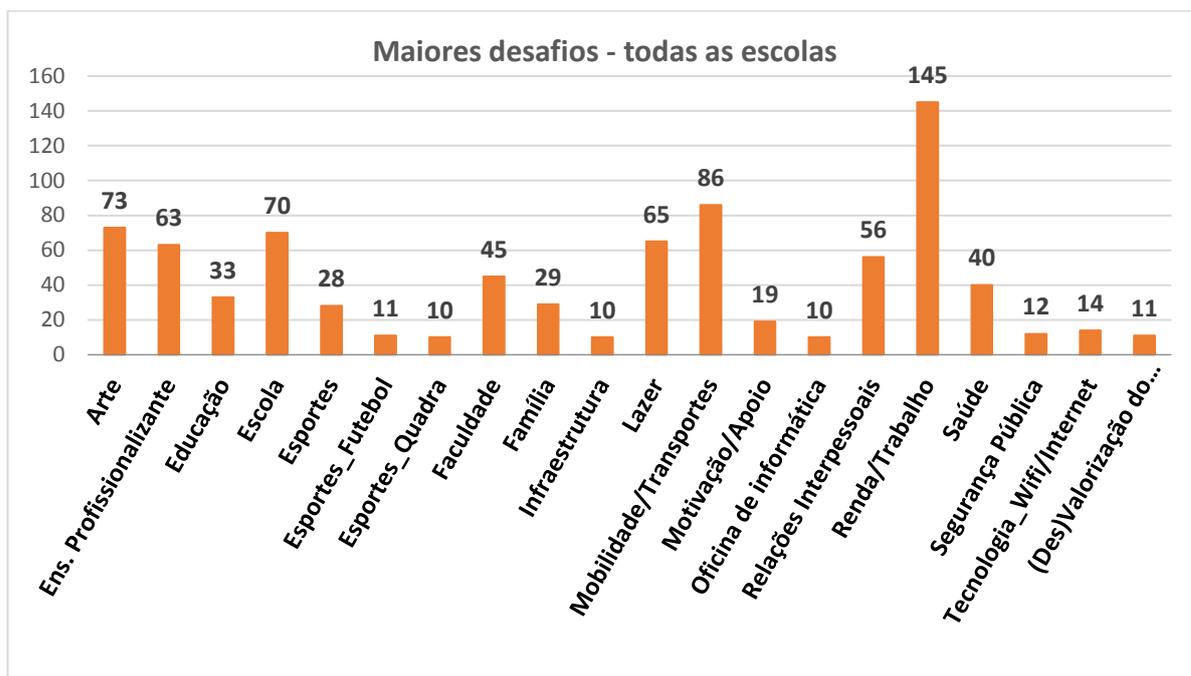
Assim, e nessa esteira arte/educativa em seu intrínseco dialogismo com a questão da cultura que, a partir da longa experiência do Ciranda da Arte, vai surgir, como demanda consequente de sua atuação, desdobramentos em projetos como o que faz surgir o Ipeartes/Seduc. Nesse contexto, o Ipeartes/Seduc emerge e propõe logo de início uma educação que tem a cultura como direito (Constituição Federal de 1988) e a arte como área de conhecimento (LDB 9394/96) fundamental na relação de sujeitos globais e locais, configurando-se como uma aplicação, na prática, do *ethos* educacional que cada vez mais vai se estabelecendo neste século. Para tanto, foi e é necessário conhecer os desejos e desafios das pessoas que habitam esse território abarcado pelo projeto modelar do Ipeartes, pois, como já apresentado, o Bem Viver é um conceito sempre em construção e em acordo com o contexto em que está inserido.

A partir dessa conjuntura, o coletivo educador do Ipeartes planejou o Encontro Jovem de Alto Paraíso de Goiás (Enjap), abrindo com os estudantes as primeiras discussões sobre o tema *Construindo a Escola do Bem Viver*. Para a elaboração da proposta político-pedagógica do referido encontro, procedeu à escuta de estudantes por meio de 24 rodas de conversa. Foram ouvidos 420 estudantes (do oitavo ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio), nos meses de agosto a outubro de 2016, com a intencionalidade de estabelecer um primeiro contato com os jovens, e ouvir, de forma horizontal, seus lugares de fala, e, sobretudo, seus desafios e sonhos e o que gostariam que fosse contemplado na programação do Encontro Jovem de Alto Paraíso.

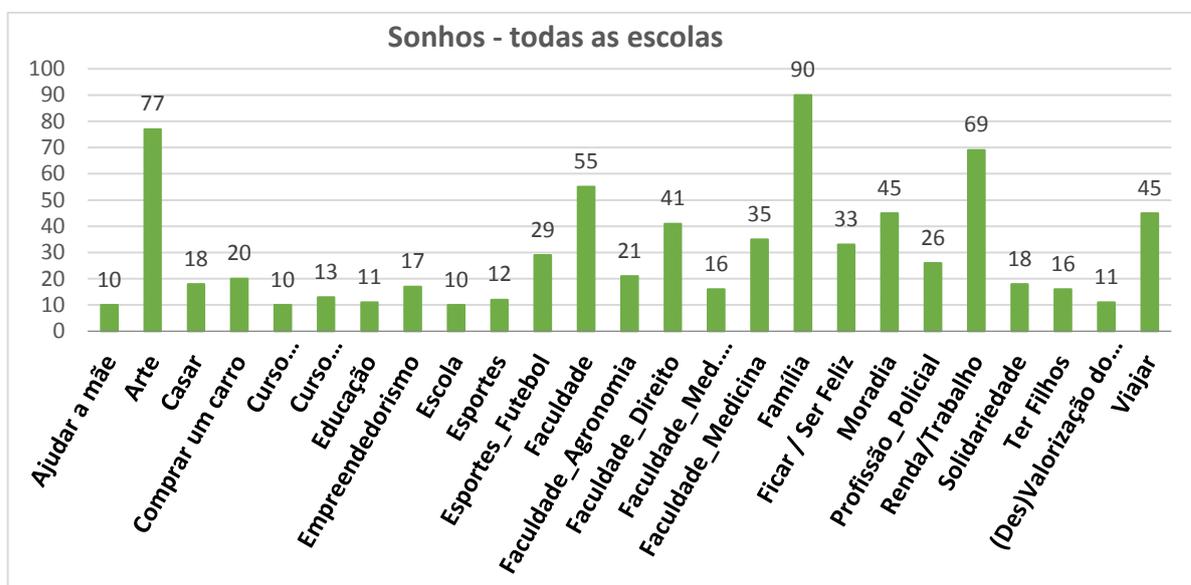
Para facilitar a visualização dos pontos mais relevantes para os jovens, os dados foram quantificados pelos educadores do Ipeartes José Estevão Rocha Arantes, Marcelo Lisita Junqueira e pela educadora Alessandra Marques Possebon<sup>7</sup> e transformados em gráficos pelo educador Edson César Marques Filho. Os maiores desafios (Figura 1), sonhos (Figura 2) e sugestões para a programação do Encontro Jovem de Alto Paraíso (Figura 3) foram:

---

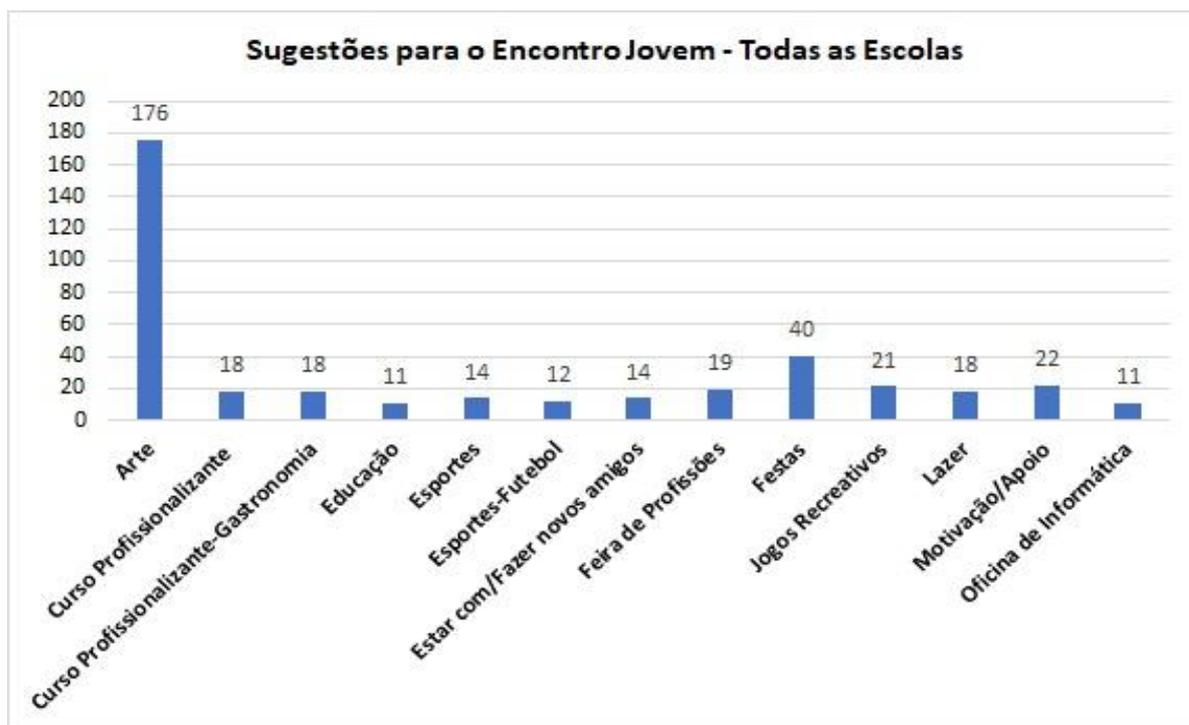
<sup>7</sup> Gráficos com a síntese de todas as escolas participantes das rodas de conversa. Há nos arquivos do Ipeartes outros dados referentes às análises realizadas por escola.



**Figura 1:** Desafios apontados pelos jovens estudantes de Alto Paraíso  
 Fonte: Ipeartes/Seduc.



**Figura 2:** Sonhos dos jovens estudantes de Alto Paraíso  
 Fonte: Ipeartes/Seduc



**Figura 3:** Desejos dos estudantes a serem contemplados na programação do Encontro Jovem de Alto Paraíso  
Fonte: Ipeartes/Seduc.

Esse material foi fundamental para a elaboração conceitual e metodológica do Encontro Jovem de Alto Paraíso (Enjap), evento que aconteceu no Educandário Humberto de Campos (EHC), escola do campo situada na Cidade da Fraternidade, em novembro de 2016. Fica perceptível a coerência entre sonhos e desafios, e o quanto era importante para esses jovens terem acesso ao trabalho, à formação universitária, às artes, às práticas corporais e à família. Não se percebe, ainda, a preocupação dos jovens com a sustentabilidade ambiental. O material serviu também para outras proposições do Ipeartes subsequentes ao evento. Realizar o encontro jovem em uma escola que tem a potência da natureza como cenário integrador de experiências, contribuiu e potencializou a imersão dos jovens da cidade e do campo em experiências artístico-estéticas e integrativas que propunham reflexões sobre as atuais questões que assombram a humanidade, posto que:

Ao propor a harmonia com a Natureza e entre indivíduos e comunidades, e ao estar carregado de experiências de vida e resistência, o Bem Viver, sempre que esteja livre de preconceitos e seja assumido como uma proposta em construção, permite formular visões alternativas de estar no mundo. O Bem Viver oferece múltiplas possibilidades para repensar as lógicas de produção, circulação, distribuição e circulação de bens e serviços, assim como para repensar as estruturas e as experiências sociais e

políticas dominantes, próprias da civilização capitalista (ACOSTA, 2016, p. 17).

A intencionalidade das proposições foi sensibilizar e promover experiências significativas a fim de instigar os jovens a formularem soluções para os problemas locais por eles apontados. O objetivo principal das vivências integrativas foi desenvolver e fortalecer as habilidades de cooperação e solidariedade, o trabalho em equipe e o respeito à diversidade e isso foi comum em todas as rodas de conversa do Encontro Jovem de Alto Paraíso. As proposições foram pensadas também para provocar nos jovens o desejo de serem agentes transformadores de suas vidas em todas as esferas e níveis: o eu, a escola, a família, o bairro, a cidade, o estado, o país, o mundo e o universo (também comum para todas as rodas); e, principalmente, para a consumação de experiências com a arte, pois, segundo autores da matriz curricular de Goiás, “o ensino das artes possibilita aos estudantes a compreensão crítica e sensível do mundo, tornando-os seres mais conscientes, politizados, questionadores e possíveis transformadores da realidade, naquilo que se fizer necessário” (GOIÁS, 2009, p. 30).

### **O encontro jovem: uma experiência acolhedora**

Há no município de Alto Paraíso duas escolas públicas sediadas no campo e duas na cidade. As escolas do campo compartilham o mesmo espaço para estudantes da rede municipal e os da rede estadual. A distância entre as escolas do campo é de 70 quilômetros, e entre elas estão as escolas da cidade, em distância, equivalentemente, proporcional: 35 quilômetros de Alto Paraíso para a escola Santo Antonio da Parida, no povoado do Sertão, e a 35 quilômetros de Alto Paraíso, em sentido oposto à escola sediada na Cidade da Fraternidade, o Educandário Humberto de Campos. Existe na cidade, ainda, escolas da rede privada que também participaram do Enjap, portanto, participaram estudantes de diferentes contextos – alunos da rede pública e privada, da cidade e do campo.

O evento engendrou as mais diversas experiências, entrelaçando vozes, razão da escuta atenta e efetivamente comprometida com desejos, sentimentos e perspectivas da juventude [e de propor] estratégias que [superassem] os modelos tradicionais de encontros, muitas vezes marcados por hierarquizações e construção de subalternidades” (IPEARTES, 2020). Por essa razão, abordagens metodológicas mais eficazes, como as metodologias ativas em educação, foram pensadas na elaboração de toda a programação

de um evento que teve forte ênfase na consumação de experiências significativas<sup>8</sup>. A consumação não significa uma cessação da experiência, mas processos de fluxos contínuos se desdobrando em outras experiências (DEWEY, [1934] 2012), como pode verificar-se na programação:

**1º momento:** recepção afetuosa da juventude (hospedagem e cadastramento). Na oficina de cadastramento, cada um preparou seu kit, pintando um Ipê na mochila, desenhando nela o próprio nome;

**2º momento:** mística de abertura – o horário de início foi o pôr do sol, seguido de uma vivência coletiva com o objetivo de criar uma ambiência de cooperação e solidariedade;

**3º momento:** rodas – as rodas aconteceram em três etapas, com pontos específicos para cada uma delas: sensibilização, vivências integrativas e reflexão coletiva;

**4º momento:** fazendo a diferença – vivências integrativas para estabelecer prioridades de interesses na elaboração de pré-projetos vinculados aos eixos: arte/educação, cultura de paz e sustentabilidade;

**5º momento:** atividades culturais em todas as noites e no intervalo das refeições;

**6º momento:** culminância – socialização de todos os resultados referentes aos pré-projetos elaborados por cada subgrupo constituído;

**7º momento:** mística de encerramento.

Abordamos, inicialmente, a mística de abertura, momento único realizado em uma simples quadra de esportes, transformada na Praça da Juventude. A praça continha espaços interativos demarcados por geodésicas construídas de bambus e tecidos coloridos e, no chão, um grande linóleo branco, repleto de almofadas e pufes, que serviram para o acolhimento dos jovens estudantes, educadores e também para os convidados que foram aos poucos chegando para a cerimônia, que teve início ao esvaír da luz solar no poente.

A proposta conceitual de uso dos bambus e tecidos tem a intencionalidade de provocar o diálogo dos estudantes com a realidade local de bioconstrução e técnicas bem presentes na região. Cada espaço da praça foi pensado com o objetivo de alcançar o coração dos jovens, criando afetos, integrando e promovendo fluxos de experiências.

---

<sup>8</sup> Para visualização das fotos do evento, acesse: <<https://www.flickr.com/photos/enjap>>.



**Figura 4:** Cortes de bambus recolhidos  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 5:** Preparação da geodésica  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 6:** Geodésica da Saúde  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 7:** Praça da Juventude  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc

A geodésica da harmonização, localizada no lado esquerdo, ao fundo da praça, destinou-se ao cuidado com o outro e com atividades de relaxamento e meditação. O espaço da música, na pirâmide localizada na zona central ao fundo da quadra, continha 10 violões e instrumentos de percussão, que aguardavam os jovens para suas experiências musicais. Na geodésica da saúde, no lado direito da quadra, realizou-se muitas rodas de conversa sobre a saúde do jovem, sexualidade, cuidados com o corpo. Havia, ainda, no lado esquerdo do centro da praça, um grande palco para as apresentações artísticas e um espaço para projeção de filmes. Mais perto da entrada da praça, uma pista de dança e, no lado posterior, atrás da quadra, quando a noite chegava, telescópios e outros aparatos da astronomia promoviam o encontro dos jovens

com o impressionante céu da Chapada dos Veadeiros. No centro da praça, sobre um linóleo branco e almofadas coloridas, os jovens se reuniam para as interações coletivas.

Foi muito interessante para o coletivo organizador do evento ver a emoção e o encantamento demonstrados pelos jovens nesse primeiro momento da experiência. Houve o estranhamento de uns para a retirada dos calçados ao entrarem na área do linóleo, e a naturalidade de outros, que demonstravam ter familiaridade em não entrar calçados em um ambiente que possuía atmosfera de intimidade. Foram logo surpreendidos pela apresentação do Trio Buritis e seu repertório de músicas regionais.

Alguns convidados externos foram chegando para a cerimônia de abertura. A secretária de educação, superintendentes de diferentes secretarias do governo, prefeito, diretores das escolas participantes, representantes de entidades públicas do município, o presidente da Organização Social Cristã André Luiz (Oscal), mantenedora da escola anfitriã do evento, o coletivo educador e uma atriz global, que teve uma participação bastante entusiasmada nesse começo do Ipeartes, dado ao vínculo com a Awaken Love, um dos entes no Acordo de Cooperação Técnica.

A estudante Geovana Lima representou os jovens na abertura. Ela leu um texto de sua autoria, o qual estabeleceu relação entre aquele específico momento e as discussões suscitadas nas rodas realizadas nas escolas anteriormente ao encontro, conectando-as ao tema do evento, *Construindo a Escola do Bem Viver*. A estudante relaciona suas experiências cognitivas, emocionais e comunicacionais quando afirma:

*A experiência do Enjap foi surpreendente e incrível. Eu aprendi tanta coisa sobre educação, bem-estar, empatia. As oficinas de mídias que foi a que eu escolhi, abriram portas pra mim surpreendentes. Eu amei a conexão que criamos ali, e os dias foram divertidos e de puro ensinamento [...] o melhor mesmo foi poder escrever um texto de minha autoria e poder compartilhar com todos ali. Escrever sempre foi minha paixão, e quando eu vi as minhas palavras sendo ouvidas por toda aquela multidão, nossa, eu estava emocionada, radiante e sem palavras pra descrever aquela experiência (LIMA, 2019).*

Percebe-se claramente o sentimento de desilusão de Lima ao tentar enxergar o Bem Viver na prática, pois considera sua escola “tediosa e monótona, e a cidade violenta e de baixa qualidade”, mas demonstra o desejo de ter uma escola diferente da que tem. Demonstra, ainda, acreditar que a Educação do Bem Viver “tem tudo para transformar a educação e a forma como aprendemos e vivemos na escola, [posto que] vai além de estudar as matérias básicas que são padrões atualmente”. O mesmo texto foi lido por

Geovana Lima durante sua entrevista concedida ao estudante João Victor Saboia na Rádio do Bem Viver (RBV)<sup>9</sup>. Dele destacamos importantes partes nesse estudo:

*Dizem que a juventude tem o poder de mudar nações e, às vezes, até parece mesmo que se pode. É como um fogo que se acende bem rápido... ideias, forças de vontade, conceitos, leis... então se apaga na mesma velocidade que se acendeu e aí a gente deixa pra lá. Já imaginou se sentir bem com a energia escolar? Ter na cabeça outros critérios e definições sobre a escola? Guardo grandes expectativas para a escola e a cidade do bem viver. Um cantinho onde minhas palavras, ideias, opiniões e talentos não sejam negados, transformados, e se esses mesmos elementos apontados, mesmo errados, possam ser reciclados para que minha visão alimente a minha mente, transformando a minha realidade (LIMA, 2016).*

Geovana Lima foi a primeira pessoa a conceder entrevista para a Rádio do Bem Viver em seu programa de número um. A emissora, criada para a cobertura do evento, era também uma das oficinas vivenciadas pelos estudantes. As oficinas de criatividade e as de vivências integrativas aconteceram em lugares distintos – desde o espaço da Praça da Juventude, passando pelas salas da escola, até ao ambiente externo, que reintegrava ser humano e natureza –, onde experiências significativas foram consumadas, como grafite, fotografia, lambe-lambe, teatro-fórum, jogos musicais, rádio, prática de conjunto. Todos os estudantes deveriam participar de uma oficina arte/educativa (criatividade) e outra de sustentabilidade criativa (vivência integrativa): eco-decor, alimentação vitalizante, trilha ecológica (pesquisando a flora), trilha ecológica (caminhando com as aves da Chapada), medicina popular do cerrado, gestão de resíduos orgânicos, agroecologia, sensibilização para o trabalho, energia vitalizante, bioconstrução.

A resposta dos jovens foi de uma participação bastante entusiasmada diante do que fora para eles preparado com muito cuidado. Nota-se, assim, que uma atitude positiva, participativa e a tomada de decisões emergidas desse contexto foram resultados de desejos potencializados por meio de experiências singulares consumadas.

---

<sup>9</sup> <https://soundcloud.com/radiodobemviver/rbv-bloco1?in=radiodobemviver/sets/radio-do-bem-viver>.



**Figura 8:** Trilha ecológica –  
Flora popular do cerrado  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 9:** Oficina medicina  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 10:** Oficina com pigmentos naturais  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc



**Figura 11:** Geodésica da música  
Fonte: acervo digital do Ipeartes/Seduc

### **Os desdobramentos de uma experiência consumada no Bem Viver**

Para melhor compreender a experiência vivida no Encontro Jovem de Alto Paraíso, analisamos o relato de duas estudantes e uma educadora da Escola Santo Antonio da Parida, unidade escolar do campo sediada no Sertão, onde Adenilza Cardoso da Silva exerce docência. Segundo a professora, não era costume o relacionamento entre estudantes da escola do campo e os da cidade e também desses estudantes com a outra escola do campo, o Educandário Humberto de Campos, razão para compreender o Encontro Jovem de Alto Paraíso como possibilidade para a criação de vínculos afetivos entre jovens de contextos sociais diversos.

Ouçamos suas vozes:

*Na data marcada para partir para uma nova experiência que não fazíamos ideia de quão maravilhosa seria, além de ver vídeos, fotos e comentários [...] ansiosa, é claro, porque nunca tinha feito isso antes [...] nos misturamos para escolher quartos, onde foi tudo tranquilo, eu dividi quarto com pessoas maravilhosas, só de mulheres, meninas de São Jorge, minha turma da escola e minhas queridas professoras (GOMES, 2019).*

*O encontro da Fraternidade foi um dos melhores e, assim, eu gostaria muito que voltasse a acontecer; acredito que não era só eu que iria ficar feliz, mas os outros jovens também (CARDOSO, 2019).*

*A experiência foi incrível. [...] fui convidada para ser uma das professoras responsáveis para acompanhar os alunos da escola do Sertão [...]. Fiquei muito feliz, pois os estudantes tiveram a oportunidade de construir e trocar conhecimentos, fazer novos amigos de (São Jorge, Moinho, Alto Paraíso e Cidade da Fraternidade), participar de oficinas fantásticas com professores excelentes, e ainda conhecer o local, a [e]scola, que é totalmente diferente da nossa. Como educadora e com base nas avaliações e rodas de conversa pós-encontro, pude notar que os alunos fizeram várias amizades, amizades estas que serão levadas pela vida a fora (SILVA, 2020).*

É perceptível nas falas a importância da experiência vivida por jovens estudantes quanto à questão da sociabilidade construída a partir de um contexto escolar e de aprendizados diferenciados, que os agregou para aprofundar conhecimentos sobre assuntos específicos. Percebe-se também um outro tipo de relação estabelecida entre estudantes do campo e da cidade. Mediante a experiência, tanto a cidade quanto o campo passam a ser lugares onde os jovens, além de estudarem, encontram novos amigos e com eles cultivam amizades, dado que, após o Encontro Jovem, o Ipeartes manteve programação semanal com um grupo representativo desses estudantes em busca de constituir o Coletivo Jovem Ipeartes (CJI).

Outro importante desdobramento vem da experiência de estudantes que participaram das oficinas de música: a composição de uma canção com o tema Construindo a Escola do Bem Viver. A música foi apresentada, pela primeira vez, na Escola Estadual Gerson de Farias, no Pós-Enjap, evento organizado por estudantes e professores que participaram do Encontro Jovem com o objetivo de compartilhar experiências vividas no Enjap. A poesia propõe a construção de um mundo melhor, mas, para isso, todos precisam colaborar com as mentes saudáveis e o coração sustentável. Destaca ainda a letra que, para escola do bem viver nascer, só depende de mim e também de você, que é quem faz a história. A letra é desafiadora, impulsiona o protagonismo dos jovens, aponta a necessidade de uma convivência colaborativa, resultante da harmonização do corpo, mente e afetos, evidenciando, ainda, experiências

consumadas que se constituem de começo, meio e fim, não como cessação, mas como o início de muitas outras experiências (DEWEY, [1934] 2012).

### Considerações finais

No afã de compreender os conceitos fundantes para a implementação da Educação do Bem Viver, importantes experiências de nível cognitivo, físico, afetivo, estético, ético, emocional, espiritual, ambiental e social foram se amalgamando, e vínculos entre os estudantes se modificando. Para o Ipeartes/Seduc, a Educação do Bem Viver flui dos pilares que sustentam a arte na educação integral que se desdobra na produção de uma consciência crítica e de transformação social. Considera, portanto, que o encontro dos jovens foi pensado, desde sua gênese, com base na Matriz de Arte<sup>10</sup>, preconizada pelo Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Seduc, o qual imprime perspectiva de um currículo voltado para a diversidade cultural e a formação de identidades e que traz na centralidade de todo processo educativo os sujeitos (educandos e educadores) e suas culturas. De forma imbricada e relacional com o meio ambiente a *Educação do Bem Viver* compreende ser humano e natureza um único ser.

### Referências

- ACOSTA, A. **O bem viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. 4. reimpressão. São Paulo: Autonomia Literária Elefante, 2016. 268p.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber a experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 10, n. 1, 2007, p. 11-27. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1719/2127>>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- CARDOSO, L. Lembranças boas. In: **Experiências no Encontro Jovem de Alto Paraíso**. Depoimento concedido à Adenilza Cardoso da Silva. 04 jan. 2020. 23:05. 1 mensagem WhatsApp.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. edição (2010). 1. reimpressão (2012). São Paulo: Martins Fontes, [1934] 2012.

---

<sup>10</sup> <https://cirandadaarte.com.br/site/referenciais-curriculares/>

EÇA, T. T. Educação através da arte para um futuro sustentável. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 30, n. 80, jan., 2010a, p. 13-25. Disponível em: <[https://dg/www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622010000100002](https://dg/www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000100002)>. Acesso em: 13 jul. 2020.

EÇA, T. T. A educação artística e as prioridades educativas do início do século XXI. **Revista Iberoamericana de educación**, n. 52, 2010b, p. 127-146. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/41923970\\_A\\_educacao\\_artistica\\_e\\_as\\_prioridades\\_educativas\\_do\\_inicio\\_do\\_seculo\\_XXI](https://www.researchgate.net/publication/41923970_A_educacao_artistica_e_as_prioridades_educativas_do_inicio_do_seculo_XXI)>. Acesso em: 23 nov. 2019.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, Maria F. R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

GOIÁS. Secretaria de Educação – SEDUC. **Currículo em Debate**: matrizes curriculares. Caderno 5. Goiânia: Seduc, 2009.

GOMES, M. Lembranças boas. In: **Experiências no Encontro Jovem de Alto Paraíso**. Depoimento concedido à Adenilza Cardoso da Silva. 04 jan. 2020. 23:05. 1 mensagem WhatsApp.

IPEARTES. **Projeto Político-Pedagógico do Instituto de Pesquisa, Ensino e Extensão em Arte Educação e Tecnologias Sustentáveis**. Alto Paraíso de Goiás, 2017-2020.

LIMA, M. D. **Entre raízes, corpos e fé**: trajetórias de um processo de criação em busca de uma poética da alteridade. 2016. 272p. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2016.

LIMA, G. Experiências no Encontro Jovem de Alto Paraíso. **Entrevista**, 05 dez. 2019. 16:44. 1 Mensagem WhatsApp.

LUCIE-SMITH, E. Arte moderna, história da arte e crítica de arte. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, A. C. Experiências no Encontro Jovem de Alto Paraíso. **Entrevista**, 04 jan. 2020. 23:05. 1 Mensagem WhatsApp.

STRAZZACAPPA, M. O Swing do ensino de dança no Brasil: um balanço de quase duas décadas. **Dança, Salvador**. Salvador. v. 3, n. 1, jan./jul., 2014, p. 88-104. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/11701/9321>. Acesso em: 01 set. 2018.

VIDAL, C. Sonhos e desafios da comunidade do Moinho. **Entrevista**, 08 dez. 2019. 00:13. 1 Mensagem WhatsApp.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Gerente de Arte e Educação na Secretaria de Estado da Educação de Goiás, idealizadora e criadora do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte.

<sup>ii</sup> Pós-Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Professor P-IV da Secretaria de Educação de Goiás.

Como citar esse artigo:

ALCANTARA, Luz Marina de; TEIXEIRA, Gismair Martins. Polifonia sobre um quartzo de cristal: a educação do bem viver. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 3, p. 31-53, set./dez. 2020.